

Meira lembra que voto nulo é um retrocesso

"Voto nulo é apatia, omissão. É apostar no retrocesso político. É fazer o jogo dos setores extremistas que desejam a volta do regime autoritário ou procuram fazer da radicalização política uma bandeira de luta. O povo não quer anular seu voto, deseja participar porque tem esperança e não cre no desespero". São palavras do candidato ao Senado, Meira Filho (PMDB), para quem a campanha do voto nulo constitui "um equívoco". Ele aconselhou aqueles que desejam adotar tal tipo de comportamento a "meditarem bastante sobre as conseqüências dos seus atos".

— Estamos, neste momento importante da política brasileira, tentando criar condições para o processo de normalização democrática do País. Todos sabem que a democracia brasileira teve poucos momentos de estabilidade. A última ditadura, que durou 20 anos, não foi a única em nossa História. Na verdade, estivemos mais sob o autoritarismo do que sob a democracia. Acusar simplesmente os políticos por este ou aquele erro,

assim, é justificar o autoritarismo — disse Meira Filho.

Para ele, "desacreditar da Assembléia Constituinte antes mesmo dela ser instalada é uma atitude negativista que conduz ao nihilismo político, que é exatamente o que os extremistas de vários matizes desejam". Votar significa dar crédito à classe política, que poucas oportunidades teve, é verdade, durante toda época republicana, de criar condições para a consolidação democrática".

— Na Assembléia Constituinte, a população terá oportunidade de cobrar dos eleitos todas as promessas. E os constituintes não poderão se queixar de que estão sendo muito pressionados pela opinião pública. Caberá, assim, à Constituinte criar condições para que os grandes problemas nacionais, como reforma agrária, Previdência Social, abastecimento, menor abandono, desenvolvimento regional e muitos outros, sejam objeto de ampla discussão e solucionados com o respaldo da população.

Meira Filho chama, entretanto, a atenção do

eleitorado para que, uma vez eleita a Constituinte, "simplesmente não lave as mãos, deixando para os políticos a discussão e solução dos problemas". "A participação deve ir até o fim" — acrescentou — "para que se possa fazer as cobranças. Do contrário, é omissão".

— No caso particular de Brasília, o que pretende é que a Comissão do Distrito Federal no Senado se transforme numa espécie de fórum de debates, questionando todas as decisões no Executivo local, aprovando as decisões corretas e sugerindo outras que sejam do interesse da população. Este é o melhor caminho, antes que Brasília conquiste sua autonomia, elegendo pelo voto direto seu governador, administradores regionais e vereadores — afirmou Meira Filho.

E acrescentou:

— No caso específico de Brasília, se omitir, anulando o voto, é concordar com a escolha do seu governador de maneira bionica. Escolhamos nossos senadores e deputados agora. Depois, será a vez do governador e dos administradores regionais.